

Prefácio / FOREWORD	2
Introdução / INTRODUCTION	4
Pechão	14
Leituras Recomendadas / RECOMMENDED READING	41
Conselhos aos caminhantes / ADVICE TO TRAVELERS	42
Caminho da Água / THE WATER ROUTE	44
Pechão com História / PECHÃO WITH HISTORY	44
Caminho Rural / COUNTRYSIDE ROUTE	46
Ficha Técnica / CREDITS	48



“Até na caminhada mais curta devíamos partir talvez movidos pelo espírito da eterna aventura, sem retorno à vista, preparados para enviar para os nossos reinos desolados somente os nossos corações embalsamados, quais relíquias.”

HENRY DAVID THOREAU

“We should go forth on the shortest walk, perchance, in the spirit of undying adventure, never to return; prepared to send back our embalmed hearts only, as relics to our desolate kingdoms.”

HENRY DAVID THOREAU

Diz-se de Olhão que é “uma terra que se deita sobre o mar, abraçada ao barrocal”.

De facto, o nosso território é venturoso no que diz respeito à riqueza das paisagens, que vão do barrocal ao litoral, passando, não esqueçamos, pela serra, o que nos confere uma multiplicidade ímpar em termos de diversidade paisagística e biodiversidade. É essa riqueza que queremos partilhar com quem nos visita, e a quem convidamos a descobrir que a beleza e os atrativos do concelho não se esgotam na faixa litoral.

Descubra sozinho ou em família o interior – as zonas de matagal salpicado de azinheiras, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e figueiras, onde imperam os aromas do tomilho e do rosmaninho e a paisagem que muda demoradamente a cada uma das quatro estações. É nesse sentido que vos apresentamos um conjunto de seis percursos pedestres temáticos, concebidos para dar a conhecer o que de melhor Olhão tem para oferecer: as suas paisagens, mas também as suas gentes, o seu património, a sua riqueza, a sua história, as suas artes e os seus ofícios.

Das salinas aos valados, da Ria às ribeiras, Fuseta, Moncarapacho e Pechão oferecem experiências memoráveis: Fuseta, vila de pescadores, mas também de agricultores, terra de atalaias; Moncarapacho, com a sua arquitetura fidalga e campos semeados de valados; Pechão, território eminentemente rural, com moinhos de costa e noras por descobrir.

Sempre omnipresente, o Cerro da Cabeça, palco das mais intrigantes lendas algarvias e importante marco do barrocal algarvio, devido às suas formações cársicas, que proporcionam um ambiente único para observação de uma grande quantidade de espécies animais, e o tornam um geo-monumento de relevo no contexto algarvio, sempre sem perder de vista a Ria Formosa.

O ponto mais alto do concelho é o Cerro de São Miguel, a 410 metros de altitude, a partir de cujo miradouro se dispõe de uma vista privilegiada de parte considerável da costa sul algarvia.

Motivos mais que suficientes para que as suas próximas caminhadas passem por Olhão.

Esperamos por si, de braços abertos!

*O Presidente da Câmara Municipal de Olhão,
António Miguel Pina*

It is said of Olhão that it is a land that lies on the sea, embraced to the barrocal.

In fact, our territory is fortunate with respect to the richness of the landscapes, which go from the barrocal to the coast, passing, let us not forget, the mountain range, which gives us a unique multiplicity in terms of landscape diversity and biodiversity.

It is this wealth that we want to share with those who visit us, and whom we invite to discover that the beauty and attractions of the county do not end in the coastal strip.

Discover alone or with your family in the interior - the scrub areas dotted with holm oaks, carob trees, almond trees, olive and fig trees, where the thyme and rosemary scents dominate and the scenery changes at each of the 4 seasons.

It is in this sense that we present you with a set of six thematic pedestrian routes, designed to make known what the best of Olhão has to offer: its landscapes, but also its people, its heritage, its wealth, its history, their arts and their crafts.

From the salt marshes to the marshes, from the Ria to the rivers, Fuseta, Moncarapacho and Pechão offer memorable experiences: Fuseta, a fishing village, but also farmers, land of watchmen; Moncarapacho, with its fidalga architecture and fields sown of valados; Pechão, eminently rural territory, with windmills and undiscovered daughters.

It is always omnipresent, the Cerro da Cabeça, the stage of the most intriguing Algarvian legends and an important landmark of the Algarvian baroque, due to its karstic formations, which provide a unique environment for observation of a large number of animal species, which make it a major geomonument in the in the Algarve, always without losing sight of the Ria Formosa.

The highest point of the county is the Cerro de São Miguel, at 410 meters of altitude, from whose belvedere there is a privileged view of a considerable part of the south Algarve coast.

More than enough reasons for your next walks to pass through Olhão. We wait for you, with open arms!

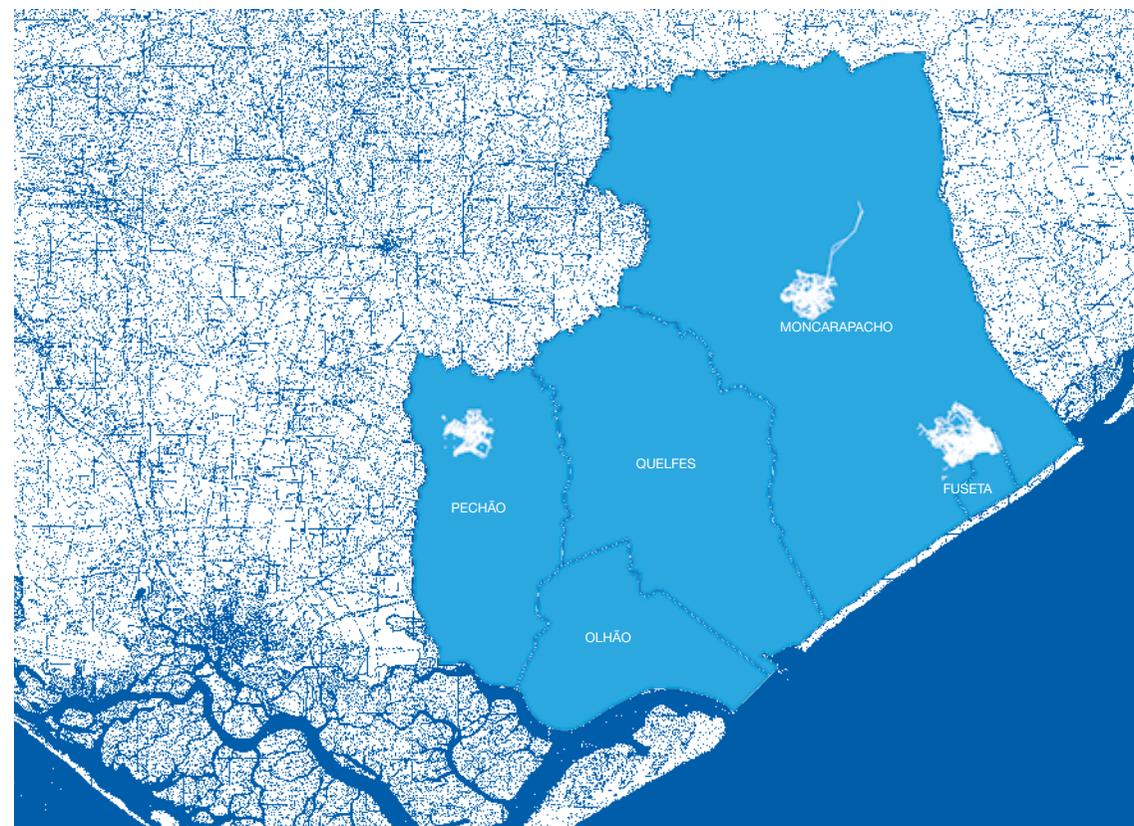
*The Mayor of Olhão,
António Miguel Pina*

A paisagem de **Olhão** no contexto regional

The landscape of Olhão in the regional context

Gonçalo Gomes

Por vontade expressa do autor,
o texto adopta a grafia anterior
ao novo Acordo Ortográfico.



■ Concelho de Olhão

No contexto do Algarve, o Concelho de Olhão insere-se no denominado Sotavento, que corresponde, sensivelmente, à metade oriental da região, que se desenvolve desde a fronteira entre os concelhos de Albufeira e Loulé, até à fronteira com Espanha, marcada pelo Rio Guadiana.

Os seus limites administrativos, cobrindo uma área de aproximadamente 13.100 hectares, abrangem duas das grandes unidades de paisagem do Algarve: o Litoral do Centro Algarvio e o Barrocal.

A definição de unidades de paisagem é um método de organização de modelos territoriais que procura sistematizar as características de um determinado território à luz de determinados padrões (ocupação do solo, elementos naturais, substrato geológico, funcionalidade, complementaridade de infra-estruturas, contiguidade) que, embora agregados em torno de uma certa homogeneidade, não dispensam a heterogeneidade dos seus elementos individuais, e sempre tendo em atenção as relações que estabelecem com as unidades limítrofes.

Por essa razão, embora claramente identificáveis e perfeitamente distintas, estas duas realidades paisagísticas, marcadas por características biofísicas e processos – ecológicos e humanos – também evidentes na sua diferença, partilham uma simbiose e, por isso, uma e outra apenas se compreendem e cumprem de forma integrada.

De tal forma que partilham mesmo alguns traços de ocupação do solo, principalmente em termos da ocupação humana, da mesma forma que partilham desafios e oportunidades em termos da sua gestão.

Ainda assim, Litoral e Barrocal não se confundem.

O Litoral repousa ao nível do mar seu vizinho, com as suas planícies sedimentares aluvionares, as suas hortas e quintas assentes em terras generosas, depositadas pelo labor incessante, milenar, das ribeiras e barrancos que correm, intermitente mas infalivelmente, rumo ao mar. Não sem antes encontrarem a Ria Formosa, antecâmara do Oceano Atlântico, que se agita para lá das ilhas que defendem a laguna interior e a vida que nela vibra.

É junto a esta que se encontram os principais aglomerados urbanos, quase sempre ligados às artes da pesca, directa ou indirectamente. Pontos de chegada e de partida em viagens marítimas seculares, encerram a rudeza própria de quem conhece a dificuldade extrema, mas também a generosidade de quem tira de si para cuidar do próximo.

No Barrocal agita-se já um relevo suave, onde o substrato geológico se enrugou e contorce sob a terra, moldado no passado por violentas forças matríciais do planeta, num crescendo que culminará, a Norte, na orografia antiga do Caldeirão. Nesta extensa faixa de terrenos mesozóicos, são as formações calcárias que ditam as formas, num estilo tectónico próprio, de encostas organizadas em “linhas” paralelas, onde predominam inclinações acentuadas e dobras largas. Sulcando e enterrando-se sob esta manta de pedra, a reserva vital do Algarve: as ribeiras e aquíferos de água doce, estes últimos reservatórios subterrâneos que se estendem ao longo de quilómetros por galerias

In the context of the Algarve, the Municipality of Olhão is located in what is known as the “Sotavento”. Roughly corresponding to the eastern half of the region, this area runs from the border between the municipalities of Albufeira and Loulé all the way to the border with Spain, marked by the River Guadiana.

Its administrative boundaries, enclosing an area of approximately 13,100 hectares, encompass two major parts of the Algarve’s landscape: the Central Algarve Coastline and the transitional inland area known as the “Barrocal”.

Defining sections of a landscape is a method of organising territorial models that seeks to systematise the characteristics of a particular territory on the basis of specific standards (e.g. land use, natural elements, geological substrata, functionality, complementarity of infrastructures and contiguity) which, although aggregated around a certain homogeneity, nevertheless require the heterogeneity of the individual elements; and the relationship established with the immediately neighbouring sections must always be taken into account.

For this reason, although clearly identifiable and perfectly distinct, these two landscape realities share a symbiosis. Marked by biophysical characteristics and processes (ecological and human) that also have noticeable differences, it is only possible to understand the two realities by taking an integrated approach that embraces their complementarities.

This is true to such an extent that they actually share some signs of land use, mainly in terms of human occupation, in the same way that they share challenges and opportunities in terms of their management.

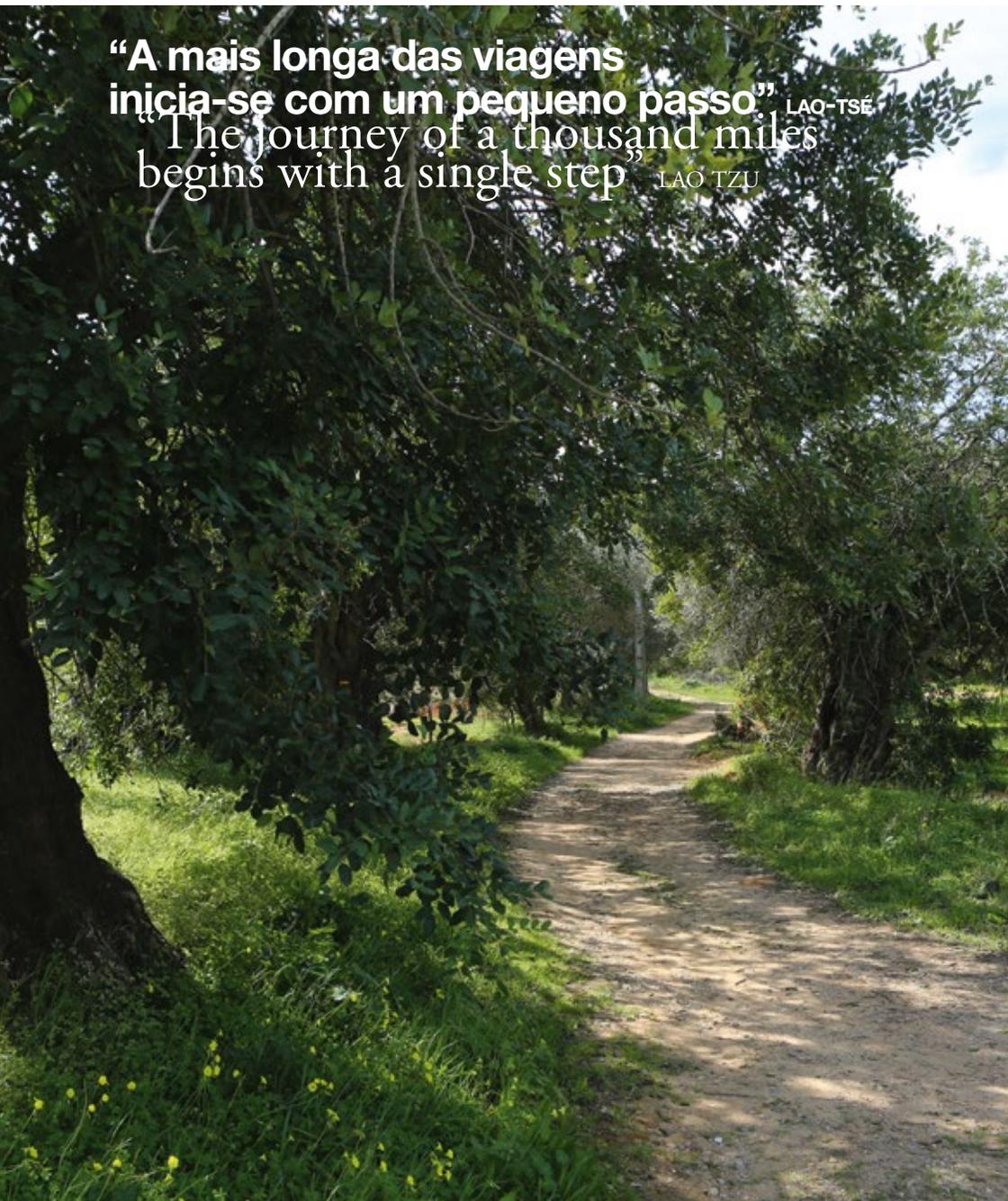
Even so, Coastline and Barrocal are not confusable.

The Coastline is on the same level as its neighbour, the sea, with its alluvial sedimentary plains, its vegetable gardens and farms set in generous lands, deposited by the incessant effort of the streams that have been flowing intermittently but unfailingly towards the sea for millennia. But first, they must encounter the Ria Formosa, an antechamber of the Atlantic Ocean that swells beyond the barrier islands protecting the inland lagoon and the vibrant life it shelters.

It is alongside the coastline that the main urban centres are to be found, almost always connected, directly or indirectly, to the fishing industry. Arrival and departure points on ancient maritime voyages are home to the brusqueness typical of those who have endured tremendous difficulties, but also to the generosity of those who take from themselves to care for others.

In the Barrocal, a gentle undulation is noticeable, as the geological substratum crinkles and squirms beneath the surface, moulded in the past by the planet’s violent raw forces in a crescendo that comes to a climax in the ancient terrain of the Caldeirão Mountains, to the north. In this extensive strip of Mesozoic terrain, it is the limestone formations that dictate the shapes; they have their own tectonic style, of hills arranged in parallel “lines”, where

“A mais longa das viagens
inicia-se com um pequeno passo” LAO-TSÉ
“The journey of a thousand miles
begins with a single step” LAO TZU



steep slopes and wide folds predominate. Carving out grooves and burying themselves under this blanket of stone are the freshwater streams and aquifers that constitute the Algarve's vital reserve – these last underground reservoirs, stretching through underground galleries many kilometres in length. Here marks the boundary of the Algarve of yesteryear. As the ancients would have it, beyond the foothills stand the mountains, belonging to a different land from the Algarve.

Covering this territory between the Uplands and the Coastline is a hugely diverse and colourfully contrasting blanket of vegetation. The backdrop may be highly variable but the soil is deep and can be put to relatively good use. In places, remnants of holm oak groves can be seen (the area's emblematic oak tree), alongside vegetation that bears witness to their substitution: strawberry trees, kermes oak, thyme and gorse alternate with fields that have been given over to growing carob and almond trees. The former are a super-food source and attenuate our carbon footprint to a considerable degree, while the latter, blossoming in Moorish Silves, cured a Nordic princess of her homesickness for the white, snow-covered landscapes of her homeland. In the more or less embedded valleys of the watercourses, the riparian vegetation consists mainly of ash, willow and oleander.

In areas such as these, which have been farmed intensively by people over vast periods of time, the vegetation and natural systems encompass considerable ecological interest. But there is cultural interest too, since they bear witness to a co-existence that is a fundamental part of the regional identity. The landscape, sayings, folk traditions, skills, arts, crafts and, indeed, Life itself, are all a part of it, even if they have not always been able to find their proper and harmonious space within the contemporary models of so-called “development”.

However, since the identity of these units involves more than just their general features, it is still possible to identify sub-units within them which reveal the small but significant details of these landscapes.

The sub-unit of the Ria Formosa, which extends across five municipalities (Loulé, Faro, Olhão, Tavira and Vila Real de Santo António), consists of a coastal lagoon wetland area. It is delimited by a system of five barrier islands, two peninsulas and six drifting inlets (two of which have been artificially secured using jetties), indelibly marking this stretch of the coast. More than a biophysical occurrence, **the Ria Formosa is the sublimation of the Algarve's coastal land and, at the same time, the condensation of the encounter between the Atlantic and the Mediterranean.** A refuge for all who enter its harbours, exhausted by the demands of hard work and the sea, and a place of freedom for those who abandon terra firma to venture into the perpetually animated pattern of its marshes. On the front line, solitary yet firmly defiant, and defending the entire land entrenched behind them, the barrier islands rise between the immensity of the Atlantic Ocean and the lagoon. The latter encloses the brutal force of a sea that is broken and tamed

subterrâneas. Aqui marca-se o limite do Algarve de antanho, pois na voz dos antigos, para lá das faldas fica a Serra, terra de outra terra, que não a algarvia.

A cobrir este território, entre Serra e Litoral, um manto vegetal de grande diversidade e contraste cromático, assentes em solos de profundidade e horizontes muito variáveis mas com relativamente boa capacidade de uso, onde pontuam, por vezes, memórias de bosques de azinheira (o carvalho emblemático desta zona), acompanhadas por formações vegetais que representam já etapas da sua substituição, onde o medronheiro, o carrasco, o tomilho ou o tojo alternam com campos organizados para a cultura da alfarroba – fonte de um super-alimento e incrível sumidouro do problemático carbono atmosférico – e da amendoeiras que, florindo, amenizaram na arabesca Xelb as saudades de uma princesa nórdica por albas paisagens. Nos vales, mais ou menos encaixados, dos cursos de água, a vegetação ribeirinha – dominada pelo freixo, pelo salgueiro, pelo loendro.

Em territórios desde há longo tempo trabalhados, e de forma intensa, pela mão do Homem, como estes, a vegetação e os sistemas naturais encerram elevado interesse ecológico mas também cultural, pois são testemunhos de uma convivência que é parte fundamental da identidade regional, integrando a paisagem, os dizeres, o folclore, os saberes, as artes e ofícios, enfim, a Vida, mas que nem sempre têm encontrado o devido e harmonioso espaço dentro dos modelos contemporâneos do que se anuncia como “desenvolvimento”.

Mas, porque a identidade destas unidades não se esgota nos seus traços gerais, é ainda possível identificar, dentro delas, subunidades que revelam os pequenos grandes pormenores destas paisagens.

A subunidade da Ria Formosa, partilhada por cinco concelhos (Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António) corresponde a uma zona húmida lagunar costeira, confinada por um sistema de 5 ilhas-barreira, 2 penínsulas e 6 barras móveis (duas artificialmente fixadas com recurso a molhes), que marca indelevelmente este troço litoral. Mais do que uma ocorrência biofísica, **a Ria Formosa é a sublimação da terra litoral algarvia, e, ao mesmo tempo, a condensação do encontro do Atlântico com o Mediterrâneo.** Refúgio para todos os que entram as suas barras, exauridos pelas exigências da faina e do mar, espaço de liberdade para os que abandonam a firmeza da terra para se aventurarem no perpetuamente animado padrão dos seus sapais. Na linha da frente, em desamparado mas firme desafio, interpondo-se entre a imensidão do Atlântico e a laguna, polvilhada de terra, que encerra, dormente sob a brandura, a força brutal de um mar que nela penetra mas que o rendilhado dos “cabeços” quebra e amansa, as Ilhas-Barreira afirmam-se como linha de defesa de toda uma terra que, na sua retaguarda permanece entrincheirada.

Atrás de si, e antes das múltiplas localidades que se deleitam na convivência com a Ria, o sapal, verdadeira filigrana de vida, alberga diversos *habitats*, como que diversas casas, que albergam inúmeras e variadas espécies, de algas a aves, passando por peixes, mamíferos, répteis e muitas outras. É maternidade, berçário, ninho, abrigo e fonte de alimento. É filtro depurativo

as it penetrates the lacy patterns created by the mounds of land punctuating the surface of the lagoon’s calmer waters.

To the rear, and before reaching the many localities that take pleasure in their proximity to the Ria, the marshes, a veritable filigree of life, shelter a range of habitats that are home to a vast and widely-varied number of species; everything from algae and birds to fish, mammals, reptiles and many more. It is a maternity ward, a nursery, a nest, a shelter and a source of food. It is the cleansing filter of a land that sometimes fails to pay proper attention to what it throws into its waters. If the forests are the lungs of the land, the Ria is its kidney. It is one of the richest and most productive places on the planet. And in Olhão, sharing with the World, the heart of the Ria Formosa beats strongly, the driving force that dynamises the life which lives and grows in, on and around it.

This has been a designated protected area and, more specifically, a nature park for more than thirty years, as well as being classed as a site of community importance under the Natura 2000 Network, designations resulting from the fact that these extraordinary ecosystems coexist alongside human activity. And while people may not always be respectful of the sensitive nature of the environment in which they conduct their activity, they have nevertheless contributed in part to the construction of a whole that is characterised by enormous biodiversity. That it has withstood a coexistence which has not always been easy or peaceful, in a precarious and tremulous balance that often reaches the limit, is proof of Life’s own ingenuity and a tribute to its resilience.

Food, revenue, knowledge, leisure, recreation, inspiration, contemplation... There is a little something here for everyone. What matters is knowing how to achieve it, respecting not only the Ria’s capacity for giving but also the time frame, that essential and uncontrollable raw material necessary for its regeneration. What matters is preserving, valuing and caring. All so that we can receive.

And because there are those who live here too, human settlement is concentrated along the shore, dotted along the entire length of the Ria, but mainly organised around the waterfront cities of Faro, Olhão and Tavira. The barrier islands too are punctuated by small clusters of houses, in very particular contexts.

The Olhão / Fuseta / Moncarapacho sub-unit translates the specificity of the municipality in its context. In a landscape where the main urban area – the city of Olhão – concentrates and marks the rhythm of social and economic flows, a heterogeneous but coherent set of small local identities makes its appearance. In this largely agricultural area, organised in the form of a fragmented mosaic – like a stained-glass window, one might even say – the small plots are used to produce a variety of produce in almost patchwork fashion. Associated with them is a dispersed model of construction, mostly having a close relationship to the productive fabric, with Moncarapacho

de uma terra que nem sempre atenta, na devida medida, naquilo que lança às águas. Se as florestas são pulmão, a Ria é rim. É um dos mais produtivos e ricos espaços do planeta. E em terras de Olhão, partilhando com o Mundo, bate forte o coração da Ria Formosa, a força motriz que anima a vida que sobre, dentro e em torno de si se gera.

A classificação como Área Protegida, concretamente Parque Natural desde há mais de três décadas, e de Sítio de Importância Comunitária da Rede Natura 2000, decorre da convivência destes ecossistemas extraordinários com uma actividade humana que, mesmo que nem sempre respeitando a sensibilidade do ambiente em que se desenvolveu, contribuiu, de alguma forma, para a construção de um conjunto caracterizado por uma enorme biodiversidade. A sua resistência a uma convivência nem sempre fácil ou pacífica, num precário e periclitante equilíbrio que muitas vezes atinge o limite, é prova do engenho da própria Vida e tributo à sua resiliência.

Alimento, rendimento económico, conhecimento, lazer, ócio, inspiração, contemplação. Há um pouco de tudo para todos. Importa saber retirá-lo, respeitando a capacidade que a Ria tem para dar, e o tempo, matéria-prima incontornável e incontrolável, necessário à sua regeneração. Importa preservar, estimar, cuidar. Tudo para poder receber.

E, porque aqui também há quem viva, o povoamento humano concentra-se na margem territorial, disperso ao longo de toda a extensão da Ria, mas organizado principalmente em torno das cidades ribeirinhas de Faro, Olhão e Tavira. Nas ilhas-barreira pontuam também pequenos núcleos, em contextos muito particulares.

A subunidade Olhão/Fuseta/Moncarapacho traduz a especificidade do Concelho no seu contexto. Numa paisagem em que a principal área urbana, a cidade de Olhão, concentra e marca o ritmo dos fluxos sociais e económicos, desfila um conjunto heterogéneo mas coerente de pequenas identidades locais, com predomínio da agricultura, organizada num mosaico fragmentado – um vitral, dir-se-ia mesmo – em parcelas de pequena dimensão, dedicadas a uma policultura quase de filigrana, associada a um modelo de edificação dispersa, maioritariamente em estreita relação com o tecido produtivo, com Moncarapacho a surgir como o principal aglomerado populacional interior. Outras áreas de edificação, com densidade média e alta, agrupam-se junto ao litoral, em reverência ao sortilégio da Ria Formosa, principalmente no eixo da Estrada Nacional 125, entre Olhão e a vila da Fuseta. Esta subunidade é também marcada pela sua matriz de matos, que configuram áreas de elevado interesse paisagístico, de que são exemplos o Cerro da Cabeça – também Sítio de Importância Comunitária da Rede Natura 2000 – e o Cerro de São Miguel, ponto mais alto da Serra de Monte Figo e principal referência paisagística na zona terrestre, em contraponto com a Ria.

É então este cadinho de terra e de mar, de diversidade mas também de identidade e homogeneidade, que se convida a visitar e conhecer mais profundamente.

emerging as the main population cluster inland. Other medium and high density built-up areas are clustered along the coast, in awe of the Ria Formosa's allure, especially on the stretch of the EN 125 national road between Olhão and the town of Fuseta. This sub-unit is also noteworthy for its matrix of scrubland, forming areas of considerable scenic interest. Examples of this are the Cerro da Cabeça – also a Natura 2000 Network Site of Community Importance – and the Cerro de São Miguel, the highest point in the Serra de Monte Figo and the main scenic landmark on land, in contrast to the Ria.

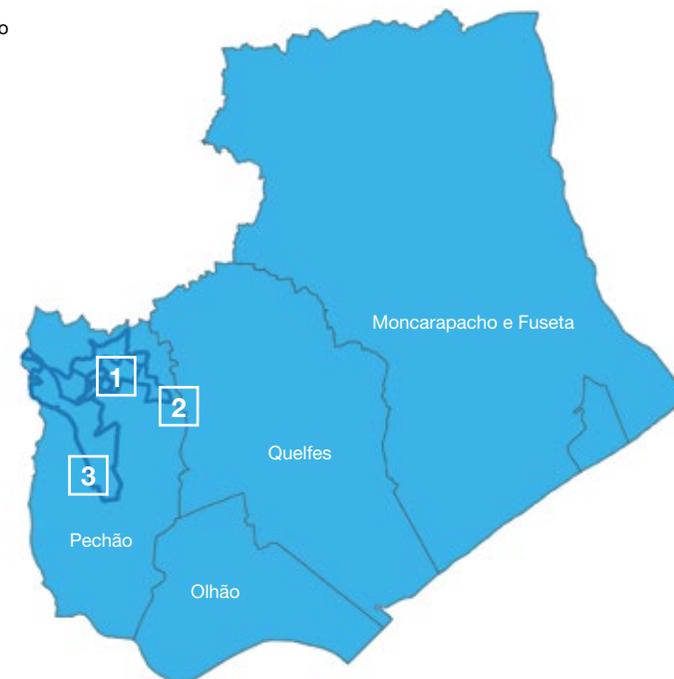
This, then, is the little piece of land and sea, diverse but also boasting identity and homogeneity, that you are invited to visit and become better acquainted with.

Mapa

Mapa índice de Percursos Map index of Courses

- | | |
|-------------------------------|--------------|
| 1. Caminho da Água | PR4 – 3.4Km |
| 2. Pechão com História | PR5 – 7.5km |
| 3. Caminho Rural | PR6 – 13.5km |

■ Concelho de Olhão





PECHÃO



Igreja Matriz de São Bartolomeu de Pechão

Pechão é uma terra de encantos subtis Pechão is a land of subtle charms

Freguesia desde o Século XVI, Pechão nasceu para ser Olhão, pois é anterior ao próprio Concelho, onde foi integrada, já no dealbar do Século XIX.

É fina linha de charneira entre dois mundos, deles retendo apenas e sempre, o melhor.

Para Sul, a Ria Formosa e além dela o Oceano Atlântico, com os seus brilhantes reflexos diurnos e o vigilante cintilar nocturno do Farol de Santa Maria, que anuncia terra aos de mar e mar aos de terra. Para Norte, a Serra de Monte Figo, repousando pesadamente sobre a terra e adivinhando-se, para lá dela, o relevo antigo da Serra do Caldeirão.

Pechão é então ponto de encontro entre Serra e Mar, reinos distantes mas vizinhos próximos, interligados por uma genética telúrica partilhada. É este paradoxo de proximidade que permite ao olhar um mergulho sonhador nas águas mediterrânicas por vocação, mas atlânticas por posição, com os pés bem assentes na terra.

Uma realidade quase anfíbia, sobre a qual se constrói uma paisagem única.

Para a sua visita, a alta e antiga Igreja de S. Bartolomeu constitui ponto de partida privilegiado.

Local de devoção desde pelo menos finais do Século XV, aqui existiu uma ermida, já consagrada a São Bartolomeu, regida pela Ordem de Santiago. Bem mais tarde, na primeira metade do Século XVIII, dá-se uma reformulação total



A civil parish since the sixteenth century, Pechão was born to be Olhão; rather, it pre-dates the municipality into which it was incorporated in the early nineteenth century.

It forms a fine hinge line between two worlds, retaining only and always the best of both.

To the south, the Ria Formosa and, beyond it, the Atlantic Ocean, with its sparkling daytime reflections and the glistening night-time watchfulness of the Santa Maria Lighthouse, announcing



**Capela dos Ossos e pormenor do interior.
Chapel of Bones and interior detail.**

Contrasta esta evocação da Morte com a Vida presente em redor. Deste ponto elevado, a toda a volta a paisagem vibrante nos recorda o calor da vitalidade das gentes, da aldeia aos campos agrícolas.



e ampliação, configurando o actual edifício. A Guerra Civil Portuguesa de Século XIX, opondo Liberais a Absolutistas, passa também por aqui, com a ocupação do templo para quartel, tendo inerentes tiroteios e incêndios (que destruíram inclusivamente o arquivo paroquial) deixando marcas profundas, recuperadas já no século seguinte.

A classificação como Imóvel de Interesse Público, em 2013, é assim mero corolário administrativo do interesse que merece uma visita atenta.

Incontornável é também, neste conjunto, a pequena Capela dos Ossos, implantada no local do antigo cemitério, também setecentista. É, de resto, neste século que elementos desta natureza começam a surgir, para simbolizar a transitoriedade da vida terrena, ideia reforçada pelas ossadas humanas. Misto de fascínio tétrico e assombro esotérico, também esta Capela, embora modesta, prende o nosso olhar.

Contrasta esta evocação da Morte com a Vida presente em redor. Deste ponto elevado, a toda a volta a paisagem vibrante nos recorda o calor da vitalidade das gentes, da aldeia aos campos agrícolas.

Em direcção à Ria Formosa, abre-se um anfiteatro de sequeiro, fortemente marcado pela presença de amendoeiras e oliveiras, pontuado por alfarrobeiras. Em direcção ao dominante Cerro de São Miguel, o amplo vale que acolhe o reticulado mosaico de exploração que marca o carácter da paisagem de Pechão.

Se a Ria nos lembra que há um ponto a partir do qual a terra se sublima – ou o mar se condensa – o Cerro ergue-se, orgulhosamente, como ponto mais alto de uma

land to seafarers and the sea to those on land. To the north, the uplands of the Serra de Monte Figo, resting heavily on the land and hinting at the ancient relief of the Serra do Caldeirão beyond.

Pechão, then, is the place where uplands and sea meet, distant kingdoms but close neighbours, interconnected by their shared telluric genetics. It is this paradox of proximity that allows you to gaze with dreamy eyes at the water – Mediterranean by vocation but Atlantic by location – with your feet firmly on land.

An almost amphibian reality, serving as the foundation for a unique landscape.

When you are ready to visit it, the lofty Church of S. Bartolomeu makes the perfect starting point.

A place of worship since the late fifteenth century, there used to be a chapel here, consecrated to Saint Bartholomew and managed by the Order of Saint James. Much later, in the first half of the eighteenth century, it was totally remodelled and enlarged, resulting in the building as it stands today. The Portuguese Civil War, which opposed Liberals and Absolutists in the nineteenth century, also made its presence felt here with the temple being converted for use as barracks. The severe damage caused by the shooting and fires inherent to the conflict (which also resulted in the destruction of the parish archives) was repaired during the following century.

Its classification as a Building of Public Interest, in 2013, serves merely as an administrative formality confirming that it is definitely worth an attentive visit.

Also not to be missed at the site is the small Chapel of Bones, which can be found at the old cemetery, also dating from the eighteenth century. Indeed, it is during this century that elements of this kind begin to appear, symbolising the transience of earthly life, an idea reinforced by the human bones. A blend of grim fascination and esoteric awe, this chapel too, although modest, holds our gaze.

This evocation of Death contrasts with the Life that exists in the surroundings. From this high point, the vibrant landscape all around us brings to mind the warm vitality of the people, from the village to the farm fields.

In the direction of the Ria Formosa, a dryland amphitheatre unfolds before us, strongly marked by the presence of almond and olive trees, interspersed with carob. In the direction of the imposing Cerro de São



This evocation of Death contrasts with the Life that exists in the surroundings. From this high point, the vibrant landscape all around us brings to mind the warm vitality of the people, from the village to the farm fields.

Já a Ria, é encantamento puro, mesmo a esta distância. Com ela, o encontro é pessoal e intransmissível. E inevitavelmente próximo, feito através de corpo e alma. Porque é um espaço onde coexistem, no mesmo instante, terra, mar, gente, alma.

Serra (Monte Figo) que é antecâmara de uma outra, mais vincada, que é, inclusivamente, um outro Algarve.

A presença do Cerro de São Miguel na paisagem é de tal ordem que se torna fácil compreender o papel central que desempenha desde a Antiguidade, seja em termos práticos ou mitológicos. Desde referência central para a navegação por cabotagem – é inclusivamente um elemento referenciado em diversos mapas, textos e documentos históricos, de diferentes povos na bacia do Mediterrâneo mas também do Norte da Europa – até moradia de deuses – dos Gregos recebeu mesmo o nome de Monte Zéfiro, seguramente por nestas bandas encontrarem ventos favoráveis ao regresso a casa, semelhantes aos que o Deus do Vento Oeste enviava, em resposta às suas preces, chegando a ser considerado uma espécie de Olimpo emulado – já foram múltiplas as leituras que o seu imponente volume originou. **Assim, e qual Adamastor, tem desempenhado um papel importante no folclore e imaginário dos diferentes povos marítimos que cruzaram, ao longo de milénios, a costa algarvia,** associado a energias e poderes místicos, por vezes sagrados, por vezes profanos.

Rezam as tradições locais que o seu nome actual se deve à preferência do Infante D. Henrique por São Miguel. No regresso da campanha de Ceuta, o cerro terá sido o primeiro sinal de terras de Portugal que se ofereceu ao avistamen-

to do Navegador que assim o baptizou em honra do santo.

Outra teoria estabelece pontes entre a toponímica angelical e a outra designação comumente atribuída ao Cerro, a de Monte Figo (de onde, de resto, deriva o nome dado à série de cumeadas em que se destaca). Estando o cultivo da figueira intimamente associado ao Cerro, e que cobria boa parte das suas encostas, constituindo durante muito tempo, aliás, a mais importante produção regional, teria sido um baptismo lógico, o deste fruto como nome da elevação. Mais ainda se pensarmos que o mesmo se relaciona com o topónimo de S. Miguel, já que é no seu dia, comemorado a 29 de Setembro, que se dá por terminada a colheita do figo. É também a partir desse dia que se inicia o denominado “rabisco”, período em que qualquer pessoa pode colher, sem incorrer em ofensa dos direitos dos proprietários, os frutos restantes nas árvores. Contribui para



“Alminhas”
“Souls”

Miguel, the ample valley displays the patchwork pattern typical of the type of land use that marks the character of the Pechão landscape.

If the Ria bears witness to the point where the land is gradually swallowed by the sea – the Cerro proudly rises as the highest point in the Monte Figo Uplands, they themselves an antechamber for another, more rugged mountain range, that is part of a different Algarve.

The presence of the Cerro de São Miguel on the landscape is so significant that it is easy to understand the pivotal role it has played since Antiquity, both in practical and in mythological terms. Serving as a central landmark for coastal shipping, it is actually mentioned in various maps, texts and historical documents belonging to different peoples from around the Mediterranean Basin and even from northern Europe. And the Greeks considered it a home to the gods, naming it Mount Zephyr, undoubtedly due to the fact that they found favourable winds here to help carry them home, similar to those sent by the God of the Wind in answer to their prayers. It was even considered a kind of emulation of Mount Olympus, as well as a great many other interpretations resulting from its imposing size. **And so, like Adamastor (a mythological character created by the Portuguese poet Luís de Camões in his epic poem Os Lusíadas), it has played an important role in the folk tales and fantasies of the various seafaring peoples who encountered the Algarve’s coastline over the millennia,** and is associated with mystical energies and powers, sometimes sacred and sometimes profane.

Local tradition has it that it owes its current name to Prince Henry the Navigator’s liking for Saint Michael. It is thought that the hill was the first glimpse of land that the prince saw as he returned from his campaign in Ceuta, and he therefore named it in honour of the saint.

Another theory establishes bridges between the place name with saintly overtones and another name commonly given to the hill, that of Monte Figo (“Fig Hill”, which, incidentally, is also where the name derives for the mountain range that it towers over). Naming the hill after the fruit is perfectly logical; after all, the cultivation of fig trees, which cover a good part of the slopes, is intimately connected to the hill and, indeed, figs were the most important regional crop for some considerable length of time. Furthermore, it makes even more sense when you



As for the Ria, it is enchantment in its purest form, even at a distance. Everyone’s encounter with it will be a uniquely personal experience. And it will be a close encounter, involving both body and soul. Because this is a space where land, sea, people and soul all co-exist in the very same instant.



Casario da localidade
Village houses

Pechão tem, com a
Ribeira de Bela Mandil,
uma relação umbilical

esta relação ainda um outro pormenor, patente num dizer popular: “em passando o dia de S. Miguel, é a figueira de quem quer”.

É ainda notável a diferença entre a designação preferencial do monte, adoptada pela população do interior e do litoral de Olhão. As gentes litorais, de vocação marítima mais vincada, conhecem-no por Cerro de S. Miguel. No interior, o Monte Figo é o mais conhecido. Podem assim identificar-se dois olhares distintos: um de sacralização, outro de vivência.

Já a Ria, é encantamento puro, mesmo a esta distância. Com ela, o encontro é pessoal e intransmissível. E inevitavelmente próximo, feito através de corpo e alma. Porque é um espaço onde coexistem, no mesmo instante, terra, mar, gente, alma.

Interiorizadas as vistas panorâmicas e o seu prenúncio de diversidade, encerrada numa misteriosa unidade, é tempo de partir à descoberta deste espaço de fronteira, seguindo-se então a indicação de percurso.

O trajecto leva-nos através de uma paisagem de recantos, povoada, utilizada, vivida. Urbana, mas onde o campo é já ali. Ou antes, o campo é já aqui, pois urbano – expresso no edificado – e rural formam uma unidade diáfana mas ainda assim palpável. Urbanidade rural, ruralidade urbana, ou ainda uma outra coisa?

Ao descer em direcção ao talvegue do vale que de há muito se vislumbrava, e atravessando a Ribeira de Bela Mandil, verifica-se que a sua presença, vá cheia ou vazia, é constante.

Enganadora, como quase todas as ribeiras mediterrânicas, esconde a sua força. O Algarve, embora banhado pelo Atlântico, vive sob a marca de um clima que é mediterrânico. No regime de pluviosidade associado, as chuvas são pouco abundantes e concentradas principalmente no Outono e na Primavera. Esta concentração dá-se, por vezes, em períodos tão curtos e intensos, que origina um escoamento torrencial, marcado por elevados caudais, correndo a altas velocidades, em estreitos leitos, mais habituados à secura, e que por isso transbordam, por vezes com consequências desastrosas, deixando um rasto de destruição. O cenário de alterações climáticas que se adivinha no futuro virá apenas extremar o que por si só é já extremo.

É assim apenas aparente a languidez deste curso de

considerar that it is precisely on the 29th of September – Saint Michael’s saint’s day – that the fig harvesting season is considered to end. And this is also the day on which a period called “rabisco” begins, during which any person can harvest any fruit remaining on the trees without committing an offence against the owners’ rights. Yet another detail contributes to this relationship: a popular saying that claims, “With the passing of Saint Michael’s day, the fig tree is anyone’s”.

Also noteworthy is the difference in preference as to which name to use, depending on whether a person lives on the Olhão coast or inland. The coastal populations, with their stronger maritime traditions, refer to it as Saint Michael’s Hill. Inland, it is better known as Fig Hill. Thus we can identify two distinct outlooks: one related to the sacred and the other to day-to-day life.

As for the Ria, it is enchantment in its purest form, even at a distance. Everyone’s encounter with it will be a uniquely personal experience. And it will be a close encounter, involving both body and soul. Because this is a space where land, sea, people and soul all co-exist in the very same instant.

Having assimilated the panoramic views and their suggestion of diversity, enclosed in the mysterious setting of the Ria, it is time to set off and explore this borderland space, following the indicated route.

This will take us through a landscape of nooks and crannies that is settled, used and lived in. An urban landscape with the countryside right on its doorstep. Or rather, the countryside is right here, since urban – in the form of buildings – and rural form a diaphanous yet nevertheless palpable unit. Rural urbanity, urban rurality, or something else again?

As you head downhill towards the thalweg that has been visible for some time now and cross the Bela Mandil Stream, you will notice that whether it is running high or low, its presence is constant.

Deceptive, like almost all Mediterranean streams, it conceals its strength. Although the waters lapping the Algarve’s shores are those of the Atlantic Ocean, its climate is typically Mediterranean. As a consequence of the associated rainfall pattern, it rains little here and mainly in the autumn and spring. Sometimes it rains so heavily over such short periods of time that rainfall drainage turns



Pechão too has an
umbilical relationship with
the Bela Mandil Stream.

*Aqua,
vita
et mors*

água, bem como a sua dimensão e expressão, já que a sua transfiguração em pico de cheia é dramática. Não foi o acaso a ditar a prudência que se inscreve inconscientemente no modelo territorial mediterrânico desde a Antiguidade, optando por evitar ocupações densas ou permanentes de margens. **“Aqua, vita et mors” (água, vida e morte)**, alerta um adágio romano, para lembrar que as linhas de água no Mediterrâneo são fonte de vida e fertilidade mas têm também, tal como o Deus Janus, uma outra cara e um reverso, que pode semear morte e destruição.

E assim flui a ribeira, para Sul, ao encontro da Ria Formosa, levando ao litoral novas do interior, ligando sistemas, paisagem, numa viagem desde a clausura de montante até à abertura de jusante, num abraço fraterno de reunião com o mar, afinal seu destino, que assim cumpre a ligação entre Barrocal e Litoral, na continuidade de territórios que são na verdade um só.

E se a ribeira é contínua com a Ria, também Pechão tem, com a Ribeira de Bela Mandil, uma relação umbilical, sendo por ela atravessada e moldada, pelas condicionantes do relevo que o seu curso escavou ao longo de milénios. Pensa-se mesmo, numa de várias teorias etimológicas para explicar o nome da localidade, que poderia Pechão (também designada por Pexão ou Peixão em algumas fontes), referir-se a um peixe de grandes dimensões, pescado naquela linha de água, e de tal forma impressionante, que marcasse para todo o sempre o local na memória popular. Outra hipótese, gerada a partir do mesmo étimo, remete para uma outra sua acepção, mais sensual, referente à designação popular atribuída à mulher corpulenta, bonita e perfeita. Teria sido a voluptuosidade a baptizar a terra-mãe de uma beleza atávica? Há ainda quem especule em torno da origem do nome enraizar na eventual corrupção de uma palavra árabe, património ainda da permanência sarracena por estas bandas. “Pé de Chão”, casta de uva que por estas bandas seria cultivada, ou “Pio Chão”, por força do solo sagrado associado à sacralidade da Fonte Velha, são também raízes etimológicas possíveis.

Face às possibilidades que a incerteza permite, a imaginação passa a ser o factor (não) limitante.

Seja qual for a origem do seu nome, a aldeia está aqui. Ou ali. Pois que neste lado da ribeira, e à distância de um passo apenas, aparenta ser já distante. Ou pelo menos não aqui, rompido o delicado equilíbrio simbiótico que há

torrential. Streams run so strong and fast, in narrow beds which have spent most of the year dried out, that they are prone to breaking their banks. The consequences can be disastrous, as a trail of destruction is left in their wake. The scenario of climate change, which can be expected in the future, will serve only to further aggravate a situation that is already extreme.

So while the water course may appear languid, this is merely a disguise, as are its size and importance, since it transforms dramatically when rainfall is at its peak. Chance had no part in dictating the caution which has been an unconscious part of the Mediterranean land-use model since ancient times; people knew that they would be better to avoid dense and permanent settlement on the banks of the streams. **“Aqua, vita et mors” (water, life and death)**, a Roman saying warns, to remind us that Mediterranean water courses are a source of life and fertility but also, like the God Janus, have another face and downside, one which can sow death and destruction.

And so the stream flows south, onwards to its encounter with the Ria Formosa, bringing news of the inland areas to the coast, connecting systems and the landscape, in a journey from upstream constraints to the opening of the floodgates downstream, in a fraternal embrace of reunion with the sea – the ultimate destination. And so the connection between Barrocal and coastline is complete, a continuity of lands that, in fact, are one and the same.

And if the stream is one with the Ria, Pechão too has an umbilical relationship with the Bela Mandil Stream; it is crossed and shaped by the stream and by the constraints of the relief that the stream has carved out over the millennia. In fact, one of the etymological theories as to how the place got its name suggests that “Pechão” (also referred to as Pexão or Peixão by some sources) could be a reference to a large fish, caught in the stream and so impressive that it made an indelible mark on popular memory. (The Portuguese word “peixe” means “fish” and when you add the suffix “-ão” to anything it means “big”, so “peixe” + “-ão” = “Pechão” = “big fish”). Another version, harking back to the same root, suggests that it is to do with another, more sensual, meaning of the word, a popular designation for a well-built, pretty and perfect woman. Could voluptuousness have been responsible for the motherland being named after a time-honoured beauty?





apenas umas escassas dezenas de metros se apresentava sólido. **Um passo apenas, é então o que passa aqui a separar o campo do urbano acolá.**

E este campo, em que surpreendentemente nos vemos então mergulhados, apresenta-nos uma autêntica montra mediterrânica. Na vegetação (aroeira, alfarrobeira, zambujeiro, murta, trovisco, palmito, medronheiro, marioila, azinheira), nos muros, na forma de trabalhar a terra.

Junto ao Poço Longo (ou da Amendoeira), novo atravessamento da ribeira. Aqui o património hidráulico marca forte presença. Não apenas pelo poço, mas principalmente pela Fonte Velha.



Esta fonte quadrangular, datada de 1754, apresenta-se, através das inscrições nela constantes, como: “*fonte de milagres de enfermos por virtude do meu S. Bartholomeu.*”

Mas o milagre da água não se esgota na redenção das maleitas espirituais e corpóreas do Homem. A água que surge, um pouco por todo o lado, anima toda a terra, toda a paisagem, ora revelada em mãos de água ou nascentes, ora trazida do fundo em poços, noras e fontes (...) É também esta uma das razões da fertilidade desta terra, revelada na florescente agricultura

And there are those who speculate that the name could have resulted from a possible corruption of some Arabic word, since the area’s Moorish heritage remains in evidence to this day. “Pé de Chão”, the name of a grape variety that was probably grown around here, or “Pio Chão” (which translates roughly as “Pious Ground”) due to the sacred ground associated with the sacredness of the Fonte Velha (Old Fountain) are other possible etymological roots.

In light of the possibilities permitted by uncertainty, imagination becomes a (non) limiting factor.

Whatever the origin of its name, the village is right here. Or there. Because from this side of the stream, the village seems to be farther away than the step or two that it really is. Or at least not here, now that the delicate symbiotic balance, which seemed so solid just a few dozen metres ago, has been broken. **Just a step, then, is all that separates the countryside here from the urban area over there.**

And this countryside that we surprisingly find ourselves in is a veritable Mediterranean showcase. In terms of the vegetation (mastic, carob, wild olives, myrtle, flax-leaved daphne, Mediterranean dwarf palm, strawberry trees, purple phlomis and holm oak), in the walls and in the way of working the land.

Cross the stream again at the well called Poço Longo, which is also known as the Poço da Amendoeira (Almond Tree Well). Here the hydraulic heritage is very much in evidence. Not just because of the well, but mainly in the form of the Fonte Velha (Old Fountain).

This square fountain, dating from 1754, introduces itself by means of the inscriptions on it, such as: “*fountain of miracles for the sick by virtue of my Saint Bartholomew. On the day of the Saint’s Vigil. Year of 1754*”. Such therapeutic properties, for body and spirit, are attested to and validated by the priest Father João Viegas de Mendonça, in a testimonial written at that time: “*By virtue of Saint Bartholomew, oracle of this civil parish, a fountain was opened up from which water flows in abundance and various sick people who were very ill have reported it has made them better*”.

But the miracle of the water is not limited to the redemption of Mankind’s bodily and spiritual ills. Water can be found all over the place, bringing life to the earth and the entire landscape, sometimes appearing from water mines or springs, and sometimes drawn from the bottom

But the miracle of the water is not limited to the redemption of Mankind’s bodily and spiritual ills. Water can be found all over the place, bringing life to the earth and the entire landscape, sometimes appearing from water mines or springs, and sometimes drawn from the bottom of wells, norias and fountains (...) It is also one of the reasons why this land is so fertile.





Assiste-se novamente à progressiva desmaterialização do urbano em rural, impondo-se o último com a força da Natureza, que ainda assim acolhe generosamente, criando localidades etéreas.

Em dia da Vigília do Santo. Era de 1754". Tais propriedades terapêuticas, para espírito e corpo, são atestadas e avaliadas pelo padre cura João Viegas de Mendonça, em testemunho da época: "Por virtude de S. Bartholomeu, orago desta freguesia, se abriu uma fonte de agua com abundancia em que se teem achado varios enfermos melhorados de queixas mui graves".

Mas o milagre da água não se esgota na redenção das maleitas espirituais e corpóreas do Homem. A água que surge, um pouco por todo o lado, anima toda a terra, toda a paisagem, ora revelada em mãos de água ou nascentes, ora trazida do fundo em poços, noras e fontes, resgatada aos aquíferos – cisternas naturais subterrâneas – para logo a seguir mergulhar nas profundezas, consoante as dobras e pregas a que a rocha sob os nossos pés foi obrigada, como se de um frágil lençol se tratasse, pelas forças matriciais do planeta, em episódios vulcânicos e sísmicos.

É também esta uma das razões da fertilidade desta terra, revelada na florescente agricultura. A presença invisível de um néctar vital que alimenta vegetação e terra, dando de beber a gente, mas também o engenho humano de a saber extrair e aproveitar. Pechão ostenta ampla tradição no trabalhar da e com a água, não apenas com a Fonte Velha, mas também com o Poço da Amendoeira, o Poço do Lagar, o Lavadouro (ou Fonte Nova) ou a Nora. Elementos patrimoniais que testemunham a autêntica arte hidráulica de captar e encaminhar a preciosa água, através de

of wells, norias and fountains, rescued from the aquifers – natural underground water tanks – to immediately plunge back down into the depths depending on the folds and pleats that the rock beneath our feet has been forced into, as though it were a fragile sheet, by the planet's raw forces, in volcanic and seismic episodes.

It is also one of the reasons why this land is so fertile, as can be seen from the flourishing crops. The invisible presence of a vital nectar that nourishes plants and land, and provides people with something to drink, but also human ingenuity in knowing how to collect it and put it to good use. Pechão's tradition in working from and with water is considerable; not only with the Fonte Velha (Old Fountain) but also with the Poço da Amendoeira, Poço do Lagar, the Wash House (or Fonte Nova – New Fountain) and the Noria. These items of heritage bear witness to the authentic art of hydraulic engineering, in the ability to capture and redirect precious water through solutions that are the outcome of shared skills and knowledge from Mesopotamian times. For the Iberian Peninsula, the passage of Romans and Arabs was decisive in leaving a vast technological legacy.

Next, our route takes us to the heart of Pechão. As you pass the door of the Clube Oriental de Pechão sports club, you may be able to imagine the enthusiasm of the group of young people who, in 1949, founded the first branch of the historic Clube Oriental de Lisboa, driven by their dream of creating a new club in the Olhão area. An eclectic club, diversity is the watchword for its activities. This has been the sporting birthplace of elite Portuguese athletics, such as the international and Olympic race walker, Ana Cabecinha.

Immediately beyond, and because Pechão never forgets its own, comes a reminder of other battles, those who fought against the Portuguese dictatorship, which ended in 1974 with the 25th of April revolution.

At the crossroads where the EN 2-6 national road and municipal road 522 meet, there are several options.

Choosing the municipal road, you will once again witness the urban landscape giving way to rural scenery; here, Nature takes over but nevertheless still generously welcomes you, creating ethereal places.

As we continue, the asphalt beneath our feet gives way to beaten earth, on a narrow track that harks back to the footsteps of our long-gone ancestors.

Choosing the municipal road, you will once again witness the urban landscape giving way to rural scenery; here, Nature takes over but nevertheless still generously welcomes you, creating ethereal places.



soluções de engenharia que resultam de um saber partilhado desde a Mesopotâmia. Pela Península Ibérica, a passagem de romanos e árabes deixou, de forma decisiva, um vasto legado tecnológico.

Seguidamente, o caminho leva-nos ao coração de Pechão. Passando à porta do Clube Oriental de Pechão, talvez seja possível escutar o entusiasmo do grupo de jovens que, em 1949, fundava a primeira filial do histórico Clube Oriental de Lisboa, impulsionados pelo sonho de erguer um novo clube na região de Olhão. Agremiação eclética, a diversidade marca as suas actividades, e daqui nasceram para o desporto nacional atletas de referência, como a marchadora internacional e olímpica, Ana Cabecinha.

Logo de seguida, a memória de outras lutas, contra o período de ditadura nacional terminado com o 25 de Abril de 1974, porque Pechão não esquece os seus.

No cruzamento entre a Estrada Nacional 2-6 e a Estrada Municipal 522, abrem-se diferentes possibilidades.

Seguindo esta última opção assiste-se novamente à progressiva desmaterialização do urbano em rural, impondo-se o último com a força da Natureza, que ainda assim acolhe generosamente, criando localidades etéreas.

Continuando, sob os nossos pés o asfalto cede lugar à terra, num estreito carreiro que permite adivinhar a peugada dos de antanho.

É nesta senda que, após curvas e contra-curvas, nos vemos acompanhados por uma outra ribeira, a da Meia-Légua.

Modesta, com pequenos valados, é na sua companhia que seguimos rumo a Sul.

Adiante encontraremos, em margens opostas, e numa eloquente metáfora das lógicas que se confrontam na actual agricultura algarvia, duas realidades produtivas.

De um lado, o ancestral sistema do pomar de sequeiro, mais ou menos formalizado, de uso parcimonioso da água, em que o figo, principalmente aqui em terras de Pechão, figurava como primor maior – e sobre o qual o Algarve assentou, em tempos idos, uma prosperidade agrária aliçada na capacidade de colocar produto de excelência no mercado, sob diversas formas, antes de qualquer outra origem sua concorrente – e que traduz a essência mediterrânica da paisagem. Altamente adaptados às condições de clima, solo e disponibilidade de água, este modelo resulta da avaliação empírica de milénios a trabalhar a terra, ensaiando as soluções que melhor correspondem ao de-



A arte de a partir do pouco (escassa água, delgada terra, abundante pedra) se fazer muito, na aridez fecunda evocada por António Ramos Rosa. Onde a terra é cortada, e as raízes reveladas, esta magia do Mediterrânico expõe-se de forma fascinante.



After the trail winds back and forth for a bit, we find ourselves alongside another stream: Meia-Légua.

Modest in size and with small gullies, it keeps us company as we head southwards.

Ahead we will find, on opposite banks, two productive realities, in an eloquent metaphor of the logic confronting present-day farming in the Algarve.

On the one hand, the ancestral system of the more or less formalised dryland orchard, with frugal use of water, in which the fig, especially here in the Pechão area, was the main early crop. This is a system which once served as the foundation for the Algarve's agricultural prosperity, thanks to the ability to market high-quality produce in various forms before any of its competitors, and which reflects the Mediterranean essence of the landscape. Highly adapted to the climate and soil conditions, and to the amount of water available, this model results from the empirical assessment of millennia spent working the land and testing the solutions that best match the determinism of the environment. The art of producing a lot from a little (scarceness of water, thin soil, stony ground) in the fertile aridness evoked by António Ramos Rosa. Where the earth has split and roots show through, this Mediterranean magic is revealed in fascinating fashion.

It doesn't seem like a great idea, not least in a context climate change, that presents us with growing challenges in terms of the availability of these same resources.

And on the other hand, there is irrigation farming, which uses water and energy in more intensive fashion, in a response to other contexts and needs. In this new (because it is relatively recent) model, greenhouses are also present, the matt gleam of the polyethylene covering

The art of producing a lot from a little (scarceness of water, thin soil, stony ground) in the fertile aridness evoked by António Ramos Rosa. Where the earth has split and roots show through, this Mediterranean magic is revealed in fascinating fashion.



O campo é, como sempre foi, matriz de Pechão, da Serra até ao Mar.



terminismo do meio. A arte de a partir do pouco (escassa água, delgada terra, abundante pedra) se fazer muito, na aridez fecunda evocada por António Ramos Rosa. Onde a terra é cortada, e as raízes reveladas, esta magia do Mediterrânico expõe-se de forma fascinante.

Não parece grande ideia, ainda para mais num quadro de Alterações Climáticas que nos coloca perante crescentes desafios ao nível da disponibilidade desses mesmos recursos.

No seu oposto, a cultura do regadio, utilizando água e energia de forma mais intensa, numa resposta a outras lógicas e necessidades. Neste novo – porque relativamente recente – modelo, também as estufas marcam presença, e os brilhos baços do polietileno estendido em abrigo a frutos-vermelhos (que daqui partem para todo o Mundo) e outros, contrastam com os tradicionais verdes-tristes, cantados por Bernardo Passos.

Num quadro de Alterações Climáticas que nos coloca perante crescentes desafios ao nível da disponibilidade dos recursos, será importante ponderar qual das margens marcará o fluxo do nosso futuro...

Os processos de construção da paisagem num determinado momento são, de forma inescapável, a expressão do seu tempo. São também processos contínuos, pelo que a paisagem não é, nem pode ou deve ser, uma fotografia estática e imutável. A transformação é assim apenas uma consequência lógica da continuidade da vida.

Nesta oposição de sistemas, importará então avaliar e ponderar a forma e implicações dessa transformação e,



protecting red fruits (that are exported all over the world from here) and others, contrast with the traditional dull greens as mentioned in the poem by Bernardo Passos.

In a context of climate change that presents us with growing challenges in terms of the availability of these resources, it will be important to ponder which of the margins will mark the flow of our future...

The processes of landscape construction at a given moment are inescapably the expression of their time. They are also ongoing processes, so the landscape is not – or should not be – a static and immutable photograph. The transformation is, therefore, merely a logical consequence of the continuity of life.

In this opposition of systems, it is therefore important to assess and ponder the form and the implications of this transformation; and, in particular, what it says about us, as the main hand shaping the landscape.

Because an existential reflection at human scale is being played on the landscape.

What type of identity are we stamping on the land as we exploit it? What type of future are we creating as we apparently diverge from the ancestral patterns? Is the

The countryside is, and always has been, Pechão's matrix, from the uplands all the way to the sea.



A desenhar a organização da propriedade, os valados, célebre, característico e indispensável elemento da paisagem algarvia.

principalmente, o que revela de nós, enquanto principal agente modelador da paisagem.

Porque na paisagem joga-se uma reflexão existencial à escala dos povos.

Que espécie de identidade se grava na exploração da terra? Que futuro se desenha, nesta aparente divergência de uma matriz ancestral? Será demasiado abrupta a ruptura com milhares de anos de aprendizagem e de inscrição de conhecimento na construção de paisagem?

A estas perguntas e respectivas respostas não é alheia a Dieta Mediterrânica, conceito com capacidade para verdadeiramente projectar o Algarve – e Portugal – a nível internacional, pela autenticidade que comporta, pela identidade que traduz, pelo que de nós conta. Não apenas enquanto um catálogo de produtos e produções, mas também como factor determinante para a preservação das paisagens que a alimentam e suportam.

Poucos locais serão mais adequados para tal reflexão do que o presente trilho, em pleno domínio da grande produção, numa zona claramente distinta em termos de amplitude de horizontes e desafogo da paisagem, onde olhamos o presente da herança histórica das grandes fazendas de Bela Mandil e Torrejão (este nome aludindo provavelmente a uma torre ou estrutura similar cuja memória que o tempo se encarregou de apagar), conhecidas e reconhecidas

break with thousands of years of learning and inscribing knowledge in landscape construction too abrupt?

There is a definite connection between these questions and their respective answers and the Mediterranean Diet, a concept that is capable of truly putting the Algarve – and Portugal – on the international map, due to its inherent authenticity, the identity it reflects and what it says about us. Not only as a catalogue of products and productions, but also as a determining factor for the preservation of the landscapes that nourish and support it.

Few places will be better suited for such reflection than this trail, in the heart of a hugely productive area that is clearly distinct in terms of the breadth of its horizons and the openness of the landscape; a landscape where we contemplate the gift represented by the historical heritage of the expansive farmlands of Bella-Mandil and Torrejão (this name probably alluding to a tower or similar structure whose memory has been lost in the mists of time), known and recognised for their fertility and abundance of water. The countryside is, and always has been, Pechão's matrix, from the uplands all the way to the sea. And news has always been forthcoming of the profitable fruits that grow there, from the aforementioned figs, to almonds, carob and vegetables.

But the expansive property before us, in the heart of the plains leading to the coastline, is an exception around here. In fact, **Bela Mandil is one of three eccentric beauties praised in a Moorish song:** *“Three beauties has Portugall Bella-Mandil, Bella Salemal/And the most beautiful of the three/Is our Bella-Curral”*.

On this extensive and extremely fertile property with abundant water, which is likely to have been one of the biggest farms in proximity to Olhão, production still extends for as far as the eye can see.

Still dotting the landscape, the hydraulic infrastructures of yesteryear are an unequivocal sign of the grand scale of this farm. Worthy of note among them are the so-called “Three Tanks”, a huge hydraulic complex featuring various devices that used irrigation channels and surface aqueducts to water a vast area. It is even said that, during summer, the so-called “three-device noria” worked incessantly in sunlight and in moonlight, by day and by night, their mechanisms driven by the force of mules and oxen.

Nowadays different watering techniques are used and this element remains only as a memory of bygone days.

Shaping the way the property is organised are the famous dry-stone walls, a characteristic and indispensable feature of the Algarve landscape.

das pela sua fertilidade e abundância de águas. **O campo é, como sempre foi, matriz de Pechão, da Serra até ao Mar.** E dele sempre houve notícias de brotarem proveitosos frutos, como o já referido figo, a amêndoa, a alfarroba e ainda as hortícolas.

Mas a ampla propriedade aqui presente, em plena planície de antecipação litoral, é excepção nestas paisagens. De resto, **Bela Mandil é uma de três belezas excêntricas louvadas em cantiga mourisca:** *“Tres bellas tem o Portugal / Bella Mandil, Bella Salema / E a mais bella das tres / É a nossa Bella-Curral”*.

Nesta ampla propriedade, plena de fertilidade e de abundantes águas, que terá inclusivamente sido uma das mais amplas quintas na proximidade de Olhão, a produção ainda hoje preenche o alcance do olhar.

Marca inequívoca da grandiosidade desta granja são as infra-estruturas hidráulicas de outrora, que ainda hoje pontuam a paisagem. Dentro destas, destacam-se os designados “Três Tanques”, um enorme complexo hidráulico dotado de vários engenhos que, através de levadas e aquedutos de superfície, regava uma vasta área. Diz-se mesmo que, no período estival, a designada “nora dos três engenhos” trabalhava ininterruptamente, sob Sol e Lua, à força de em regime permanente de dia e noite, com os engenhos movidos à força de machos, mulas e bovinos.

Hoje são outras as técnicas de regadio, e este elemento permanece apenas como memória de tempos idos.

Mas nem só o labor agrícola se enraíza nesta terra.

Se em Pechão se evoca a luta contra a ditadura, neste chão é possível sentir a sua memória, pois foi em Bela-Mandil que, em 1947, decorreu um seu episódio, marcante de acordo com relatos da época.

Fruto de esforços do Movimento de Unidade Democrática Juvenil, foi organizada uma Festa da Juventude Algarvia, inserida numa iniciativa de âmbito internacional, que, não sendo autorizada pelas autoridades então vigentes, se realizou à sua revelia.

Obtida a autorização do Dr. Justino Bivar, proprietário da mata de Bela-Mandil, para organização do evento (incluindo a possibilidade de acampamento), foi estabelecido o dia 23 de Março de 1947 como data. De várias partes, e da forma possível, chegaram grupos de rapazes e raparigas, trazendo comida, instrumentos musicais e outros demais, para celebração da juventude e sua irreverência,

But it is not only farm-working that is rooted in this land.

If the struggle against the dictatorship is evoked in Pechão, it is also a place where its memory can still be felt, since, according to reports from the time, an incident related to it occurred in Bela-Mandil in 1947.

Thanks to the efforts of the Movimento de Unidade Democrática Juvenil (Youth Democratic Unity Movement), a festival (Festa da Juventude Algarvia) was organised for young people in the Algarve as part of an international initiative. Although permission to hold the event had not been given by the competent authorities, it went ahead anyway.

Having obtained permission to organise the event (including the possibility of camping) from Dr Justino Bivar, the owner of the Bela-Mandil Scrubland, the 23rd of March 1947 was set as the date for the festival. Groups of young people came from various places and in various manners, bringing with them food, musical instruments and other equipment to celebrate being young and carefree, through music and poetry, balls and other forms of entertainment.

Politics were not forgotten amid the festivities; right at the very start, a manifest was read out by António Ramos Rosa, attesting to the objectives of strengthening solidarity among young people and the struggle for the existence of a better world of universal peace and well-being for all. Within this context, Portugal would have a political regime of freedom and democracy, and the country’s youth would have the right and the obligation to be its driving force.

It was not long before law enforcement authorities interrupted the event, calling for it to be halted, failing which the young people would be forcibly dispersed. Faced with external interference, the many young people – estimated to number around a thousand – closed ranks and insisted that the authorities allow the event to be brought to a dignified close. With the authorities’ consent, a compact procession was formed, marching from Bela-Mandil to Olhão to the sound of chants and escorted by armed police forces. The event had national and international repercussions and was even reported by news services throughout Europe.

The Bela-Mandil Chalet would have witnessed all of this. A curious building that you pass along the way, it dates from the late 19th to the early 20th century. This



Por toda esta diversificada mas harmoniosa mistura, Pechão tem um pouco de tudo. Um pouco do melhor de tudo, dir-se-á.



Thanks to this diverse but harmonious nature, Pechão has a little of everything. A little of the best of everything, you could say.



através de música e poesia, bem como bailes e outras formas de animação.

Por entre a festa, não foi esquecida a política, e logo na abertura foi lido um manifesto, pela voz de António Ramos Rosa, atestando os objectivos de reforço da solidariedade entre a juventude e de luta pela existência de um mundo melhor de paz universal e bem-estar transversal, quadro dentro do qual caberia a Portugal um regime político de liberdade e democracia, do qual a juventude tinha direito e obrigação de ser força motriz.

Não tardou até que forças da autoridade interrompessem o evento, intimando à sua suspensão, sob pena de dispersão à força. Perante a interferência exterior, os muitos jovens – na casa do milhar, estima-se – cerraram fileiras, impondo condições às autoridades para que o encontro tivesse um encerramento digno. As mesmas, após aceites, originaram um cortejo compacto de Bela-Mandil a Olhão, embalado por cânticos e sob escolta armada das autoridades policiais, num acontecimento que teve repercussões nacionais e internacionais, tendo mesmo sido referido em serviços noticiosos pela Europa fora.

A tudo isto terá assistido o *chalet* de Bela-Mandil, edifício curioso que também se cruza neste trajecto. Datado de finais de Século XIX, início do Séc. XX, este edifício com influências de Arte Nova, propriedade ainda da família Bivar, destaca-se na paisagem, quer pelo seu volume, quer pela exuberância do seu traço face ao contexto paisagístico, naquele que era – e ainda é – o mais notável sinal da presença do proprietário e senhor das terras.

Mais a Norte, em zonas de Barrocal “profundo”, o cadastro predial divide-se numa rede intrincada, marcada por parcelas geralmente de pequenas dimensões. Em tempos foi este o segredo da produção algarvia: a dispensa de grandes ou extensas propriedades. Porque o valor acrescentado do que se produzia – muito vocacionado para a exportação, já desde os tempos do Império Romano – implicava também um oneroso e lento cuidar, incompatível com extensas folhas de cultura.

A desenhar a organização da propriedade, os valados, célebre, característico e indispensável elemento da paisagem algarvia. Testemunho do esforço e sacrifício que o trabalhar desta paisagem implica, estes muros, erguidos com a rocha que jazia nas terras que agora dividem, libertam o terreno da pedra impeditiva da lavoura, que se arruma nas

Art Nouveau-influenced building, still owned by the Bivar family, stands out on the landscape, both for its size and for the exuberance of its design in contrast to the scenery. It was, and still remains, the most noteworthy sign of the presence of the owner and lord of the lands.

Farther north, in the “deepest” areas of the Barrocal, the land register is split up into an intricate network, generally marked by plots that are smaller in size. In bygone days, this was the secret of Algarve farming: managing without vast or extensive properties. Because the added value of what was produced – most of it for export since as far back as the days of the Roman Empire – also implied demanding and careful tending, incompatible with vast stretches of cropland.

Shaping the way the property is organised are the famous dry-stone walls, a characteristic and indispensable feature of the Algarve landscape. Bearing witness to the effort and sacrifice that working this land implies, these walls, built with rocks taken from the land that they now divide, freeing it from the stones that prevented it from being worked, and which are arranged at the boundaries of the different properties. As Orlando Ribeiro notes: “***But the Algarve is no Garden of Eden. Look how the fields and woodland are encircled by outcrops of barren limestone. Notice how the stone walls, the splendid prickly pear plants, the scattered houses and the crossing of paths bear witness to the extent to which the land is occupied***”.

But the importance of the stone walls is not limited to utilitarian aspects. They are also highly valuable from an ecological point of view. Veritable landscape-dividers, they shelter an amazing biodiversity in the spaces between the stones. Plants, insects, reptiles and small mammals all find shelter, shade, moisture and protection in these walls. Here, life unexpectedly finds shelter and prospers in the thousands of cracks and empty spaces.

Thanks to this diverse but harmonious nature, Pechão has a little of everything. A little of the best of everything, you could say.

And with every step that we take on these routes, over these lands and through these landscapes, we do so always in the certainty that the trails we are walking on belong not only to Olhão but to the entire Algarve.

Because just like the street where locally-born poet, João Lúcio, lived they always have the sea as backdrop.



And with every step that we take on these routes, over these lands and through these landscapes, we do so always in the certainty that the trails we are walking on belong not only to Olhão but to the entire Algarve. Because just like the street where locally-born poet, João Lúcio, lived they always have the sea as backdrop.

E a cada passo por estes percursos, por estas terras, por estas paisagens, temos sempre a certeza de que os trilhos que nos conduzem são não apenas olhanenses, mas seguramente algarvios. Porque, tal como a rua do poeta, têm sempre o mar ao fundo.

estremas das propriedades. Já Orlando Ribeiro alertava: **“Mas o Algarve não é o jardim do Éden. Olhe-se como os campos e os arvoredos estão encerrados por afloramentos de calcário estéril. Repare-se como, por toda a parte, os muros de pedra, as belas sebes de opúncias, a casa esparsa e o entrecruzar de caminhos, mostram até que ponto a terra está ocupada”.**

Mas a importância dos valados não se esgota em aspectos utilitários. São também elementos altamente valiosos do ponto de vista ecológico. Autênticas sebes de compartimentação da paisagem, albergam tremenda biodiversidade nos seus espaços intersticiais. Plantas, insectos, répteis, pequenos mamíferos, nestes muros encontram abrigo, sombra, humidade, protecção. Nos milhares de frestas e espaços vazios, a vida encontra, de forma insuspeita, lugar e prospera.

Por toda esta diversificada mas harmoniosa mistura, Pechão tem um pouco de tudo. Um pouco do melhor de tudo, dir-se-á.

E a cada passo por estes percursos, por estas terras, por estas paisagens, temos sempre a certeza de que os trilhos que nos conduzem são não apenas olhanenses, mas seguramente algarvios.

Porque, tal como a rua do poeta, têm sempre o mar ao fundo.



- Cancela d’Abreu, A.; Pinto Correia, T.; Oliveira, R. (Coord., 2004). Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa.
- Coutinho, V. (1997). Castelos, fortalezas e torres da região do Algarve. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Coutinho, V. (2001). Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve – do período islâmico ao século XVIII. Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, Portimão.
- Dias, J. P. (2018). Algarve manifesto. Edição de subscritores, Castro Marim.
- Faria, N. (Coord., 2008). Projecto Observatório. Arte, Ambiente e Paisagem. A Ria Formosa e o Barrocal. Direcção Regional de Cultura do Algarve, Faro.
- Gonçalves, E. (1996). Dicionário do Falar Algarvio. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Mabberley, D.; Placito, P. (1993). Algarve Plants and Landscape. Passing Tradition and Ecological Change. Oxford University Press, Oxford.
- Malato Beliz, J. (1986). O Barrocal Algarvio. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Marques, M. (Coord., 1999). O Algarve da Antiguidade aos nossos dias. Edições Colibri, Lisboa.
- Mendes, A. (2009). Olhão fez-se a si próprio. Gente Singular Editora, Olhão.
- Oliveira, A. (1999). Monografia do Concelho de Olhão. Algarve em Foco Editora, Faro.
- Oliveira, E. V.; Galhano, F. (2003). Arquitectura tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- Pessoa, F., Alexandre, J. (1999). Algarve. Paisagens e Espaços Naturais. Comissão de Coordenação da Região do Algarve, Faro.
- Pessoa, F.; Rosa Pinto, J.; Alexandre, J. (2004). Plantas do Algarve com interesse ornamental. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve e Edições Afrontamento, Faro.
- Pinto Gomes, C.; Ferreira, R. (2005). Flora e vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira - Portimão). Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Faro.
- Proença, R. (Coord., 1927). Guia de Portugal, Vol. II – Estremadura, Alentejo e Algarve. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Ribeiro, O. (1998). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.
- Ribeiro, O. (2011). Mediterrâneo. Ambiente e tradição. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Ribeiro, O. (2013). Geografia e Civilização. Livraria Letra Livre, Lisboa.
- Tomé, S. (2012). A água dá, a água tira. Um estudo sobre a Cultura Tradicional da Água no Barrocal Algarvio. Sinapsis Editores, Óbidos.

Antes de partir

Equipamento e vestuário a considerar

- Chapéu, óculos de sol e protector solar.
- Calçado apropriado para o percurso que vai realizar.
- Peças de roupa leves adequadas à estação do ano, incluindo impermeável para a chuva.
- Mochila pequena e leve para transportar água, refeições ligeiras e energéticas, estojo básico de primeiros socorros, bússola, lanterna (para o caso de se encontrar no percurso depois de anoitecer), telemóvel (embora a rede de comunicações móveis não abranja algumas zonas do interior) e o guia de percursos.
- Para melhor apreciar a natureza que o rodeia, poderá ser interessante levar uma máquina fotográfica, uns binóculos ou até uma lupa.

Outros conselhos

- Informar-se sobre a previsão meteorológica.
- Verificar a hora de partida, confirmando que pode terminar o percurso antes de anoitecer.
- Para os percursos inseridos em zona de caça, ter em atenção os meses do Outono e Inverno, em particular às quintas-feiras, aos fins-de-semana e aos feriados. Para mais informações, contactar o Núcleo Florestal do Algarve.
- Não leve consigo objectos de valor desnecessários.
- Nunca partir sozinho para um percurso.

No campo

- Siga sempre pelos trilhos sinalizados.
- Quando atravessar povoações e áreas cultivadas, respeite os costumes, tradições e bens.
- Respeite as normas em vigor em áreas protegidas.
- Seja silencioso: evite gritar ou mesmo falar alto.
- Não colha plantas ou rochas, nem perturbe os animais.
- Quando confrontado com um animal agressivo, não corra. Continue a andar.
- Nunca faça fogueiras.
- Aconselham-se algumas pausas para refeições ligeiras. Beba pouca água de cada vez, mas a quantidade suficiente para evitar a desidratação.
- Não abandone qualquer tipo de lixo. Transporte-o consigo num saco e deposite-o num local onde haja serviço de recolha.
- Esteja atento ao que o rodeia.



Before setting off

Equipment and clothing to consider taking:

- Hat, sunglasses and sunscreen.
- Footwear that is suitable for the walk to be done.
- Light clothing that is suitable for the season, including rainwear.
- A small, light bag for carrying water, light, energy-providing meals, a basic first aid kit, compass, torch (in case you are walking after nightfall), mobile phone (although the mobile communication network does not cover all parts of the interior) and the trail guide.
- In order to get full benefit from the natural surroundings, it might be a good idea to take a camera, a pair of binoculars and even a magnifying glass.

Other advice

- Find out what the weather forecast is.
- Check your departure time and confirm that you can complete the trail before it gets dark.
- For trails which are located in hunting zones, take care during the autumn and winter months, especially on Thursdays, weekends and public holidays. For more information, please contact the “Núcleo Florestal do Algarve” (Algarve Forestry Centre).
- Do not take unnecessary valuables with you.
- Never set off on a walk alone.

In the countryside

- Stick to the signposted trails.
- When going through inhabited and agricultural areas, respect people’s customs, traditions and property.
- Respect the rules which are in force in protected areas.
- Avoid making noise: do not shout or speak loudly.
- Do not gather plants or rocks, and do not disturb animals.
- If faced with an aggressive animal, do not run. Continue walking.
- Never light fires.
- It is advisable to stop from time to time for light snacks. Drink only a little water each time, but sufficient to avoid becoming dehydrated.
- Do not leave any kind of rubbish behind. Take it with you and leave it where there is a rubbish collection service.
- Be alert to what is around you.

Info SOS

SOS Emergência: 112
 Informação Anti-Venenos: 808 250 143
 Bombeiros Municipais: 289 710 000
 Centro de Saúde de Olhão: 289 700 260
 Polícia de Segurança Pública: 289 710 770
 G.N.R.: 289 790 010
 Município de Olhão: 289 700 100
 Posto de Turismo: 289 713 936
 Museu Municipal: 289 700 103
 Sede da União de Freguesias de Moncarapacho Fuseta: 289 792 158

Info SOS

Emergency Number: 112
 Anti-Poison Information: 808 250 143
 Local Fire Department: 289 710 000
 Local Hospital: 289 700 260
 Local Police Department: 289 710 770
 G.N.R.: 289 790 010
 Olhão Municipality: 289 700 100
 Tourist Office: 289 713 936
 Municipal Museum: 289 700 103
 Moncarapacho and Fuseta Town Council: 289 792 158

Caminho da Água / The Water Route

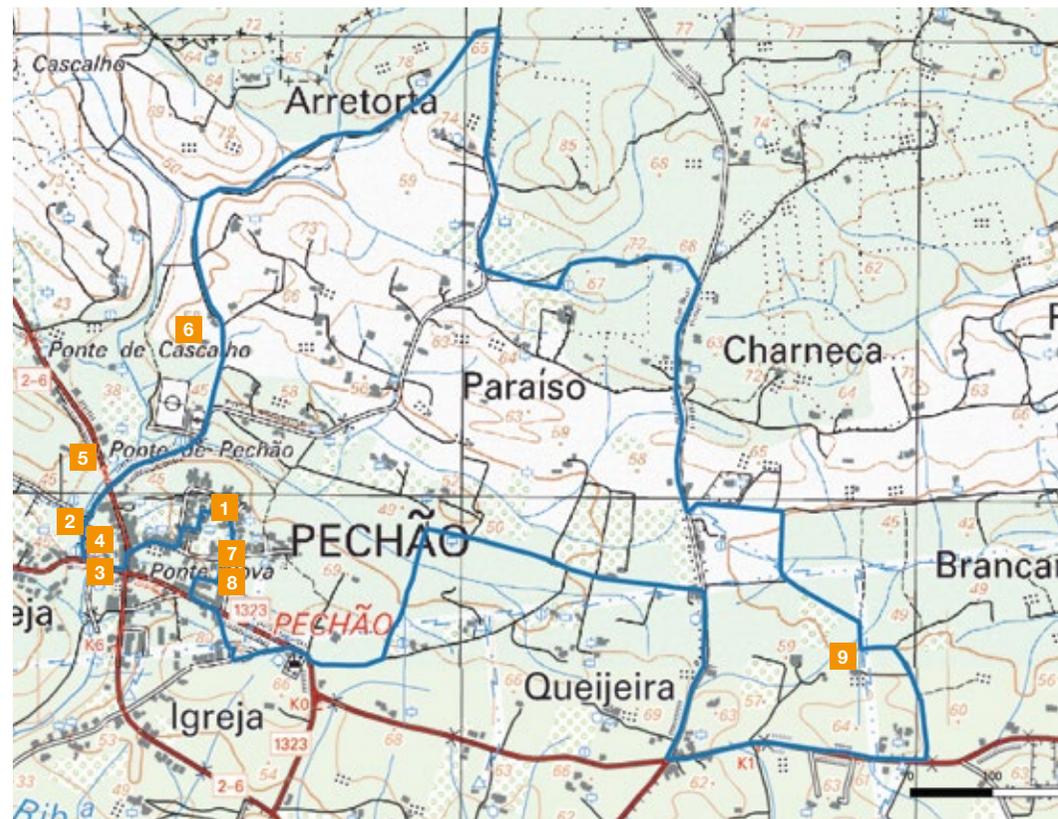
PR4 – 3.4Km

— Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Poço da Amendoeira / Amendoeira (Almond Tree) Well
3. Lavadouro / Wash House
4. Fonte Velha ou dos Milagres / The Old Fountain of Miracles
5. Poço do Lagar / Olive Mill Well
6. Nora do Viriato / Viriato's Noria
7. Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Pechão / Parish Church of São Bartolomeu Pechão
8. Capela dos Ossos / Chapel of Bones
9. Pedra da Queijeira / Cheesemaker's Stone
10. Ponte de Bela Mandil / Bela Mandil Stream



Perfil topográfico / Topographic profile



Pechão com História / Pechão with History

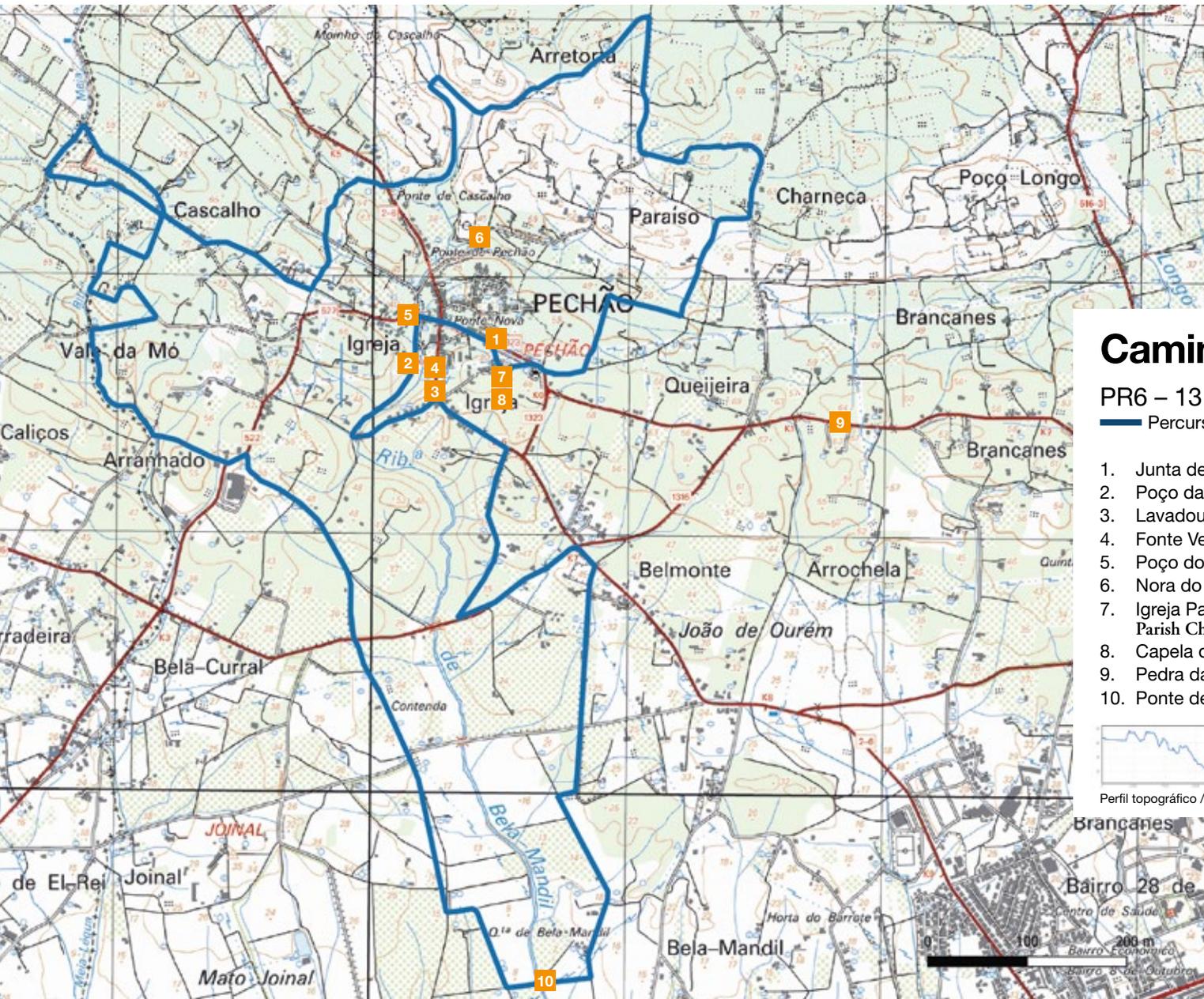
PR5 – 7.5Km

— Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Poço da Amendoeira / Amendoeira (Almond Tree) Well
3. Lavadouro / Wash House
4. Fonte Velha ou dos Milagres / The Old Fountain of Miracles
5. Poço do Lagar / Olive Mill Well
6. Nora do Viriato / Viriato's Noria
7. Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Pechão / Parish Church of São Bartolomeu Pechão
8. Capela dos Ossos / Chapel of Bones
9. Pedra da Queijeira / Cheesemaker's Stone
10. Ponte de Bela Mandil / Bela Mandil Stream



Perfil topográfico / Topographic profile



Caminho Rural / Countryside Route

PR6 – 13.5Km

Percurso / Route

1. Junta de Freguesia / Civil Parish Office
2. Poço da Amendoeira / Amendoeira (Almond Tree) Well
3. Lavadouro / Wash House
4. Fonte Velha ou dos Milagres / The Old Fountain of Miracles
5. Poço do Lagar / Olive Mill Well
6. Nora do Viriato / Viriato's Noria
7. Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Pechão / Parish Church of São Bartolomeu Pechão
8. Capela dos Ossos / Chapel of Bones
9. Pedra da Queijeira / Cheesemaker's Stone
10. Ponte de Bela Mandil / Bela Mandil Stream



Perfil topográfico / Topographic profile

Ficha Técnica / CREDITS

Edição e propriedade / PUBLICATION AND COPYRIGHT

Câmara Municipal de Olhão / Olhão Municipal Council

Largo Sebastião Martins Mestre

8700-349 Olhão

Design e paginação / GRAPHIC DESIGN AND PAGE LAYOUT

Atelier Gráficos à Lapa

Ovelha Negra_Colectivo

Texto / TEXT

Gonçalo Duarte Gomes

Tradução / TRANSLATION

Inpokulis, Lda.

Fotografia / PHOTOGRAPHY

Filipe da Palma

Base Cartográfica / MAPS

CIGeoE - Centro de Informação Geoespacial do Exército /

(Military Geospatial Information Centre)

Impressão / PRINTING

Gráfica Comercial

Tiragem / PRINT RUN

20 000

Distribuição Gratuita / DISTRIBUTED FREE